

Origem das importações brasileiras de derivados

Os Estados Unidos têm desempenhado um papel significativo como fornecedores de derivados de petróleo para o Brasil na última década, aumentando gradativamente a sua participação nas importações brasileiras ao longo desse período, com uma ligeira queda nos anos pandêmicos. Já a Rússia detinha uma participação pouco expressiva durante o horizonte analisado, saindo de modestos 1% em 2013 para 4% em 2022, representando uma evolução positiva, porém ainda tímida (gráfico 1).

Contudo, devido às sanções econômicas impostas pela União Europeia e G7 ao petróleo e derivados russos, por ocasião da guerra com a Ucrânia, a Rússia buscou rotas alternativas para colocação de seus produtos com descontos associados, alterando os fluxos globais de comércio de combustíveis. O Brasil se destaca como um dos principais destinos para estes produtos, que passaram a desempenhar um papel relevante na complementação da demanda brasileira em 2023, superando a liderança histórica dos americanos (gráfico 2).

Gráfico 1: Participação no fornecimento de produtos petrolíferos refinados 2013-2022

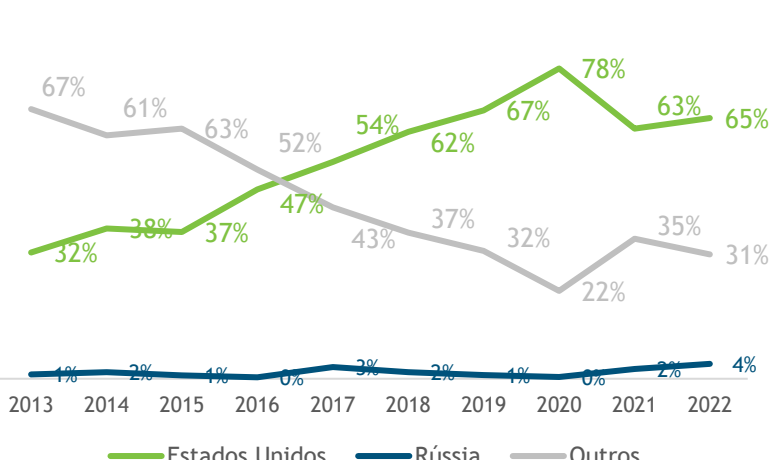
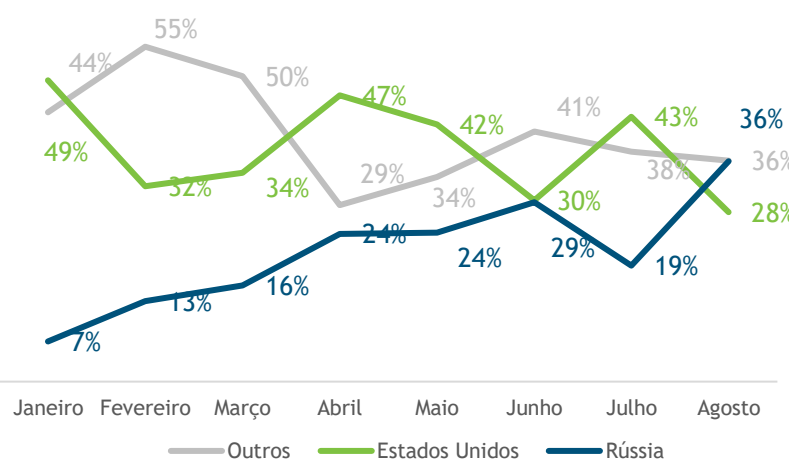


Gráfico 2: Evolução da importação de produtos petrolíferos refinados em 2023



Fonte: Elaboração IBP com dados MDIC

Importação de óleo diesel

Quando analisada especialmente a importação de óleo diesel percebe-se que essa inversão de origem ocorreu meses antes: em abril de 2023 a Rússia ultrapassava os Estados Unidos e se tornava a maior supridora desse combustível para o Brasil (gráfico 3).

A partir de uma análise histórica dos últimos 10 anos, observa-se que a Rússia não foi uma grande fornecedora do mercado brasileiro de óleo diesel (gráfico 4), sendo este movimento observado em 2023 conjuntural, reflexo do conflito supracitado, e pela consequente impossibilidade da venda dos produtos russos ao mercado europeu, tradicionalmente seu principal comprador.

Diante disto, e tendo em vista que somente 20-30% das importações brasileiras de diesel são provenientes de outros países atualmente, esse comportamento da importação via Rússia deve ser monitorado, sobretudo em função das incertezas que se impõem quanto aos desdobramentos da guerra e os impactos na economia do país. Além disso, necessário acompanhar o crescimento da demanda interna russa e a possível redução de suas exportações em função do vindouro inverno no hemisfério norte, agravado pelo fenômeno do El Niño.

Gráfico 3: Evolução da participação da importação de Óleo Diesel em 2023

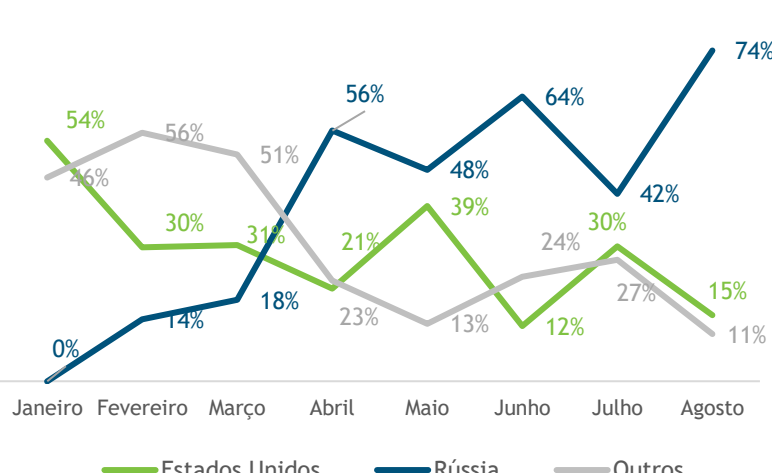
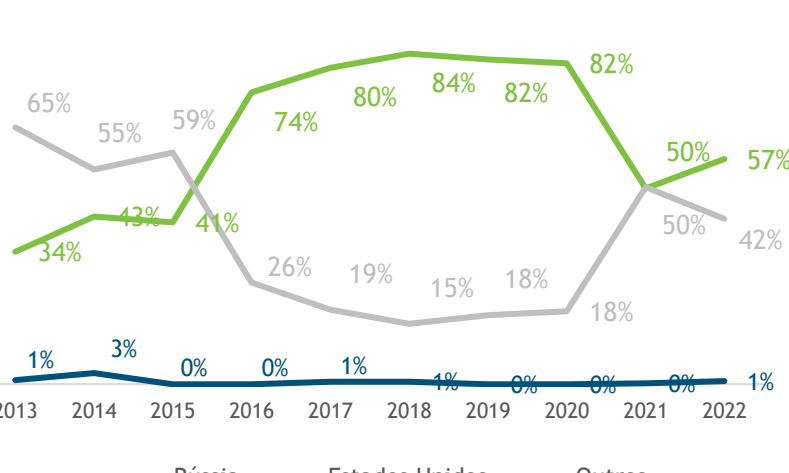


Gráfico 4: Evolução da participação da importação de Óleo Diesel de 2013 a 2022



Fonte: Elaboração IBP com dados MDIC

Importação de Gasolina

No caso do fornecimento de gasolina percebe-se que nos últimos dez anos as importações brasileiras são atendidas principalmente por Estados Unidos e Holanda, sem a Rússia deter participação considerável no período.

Seguindo a trajetória de crescimento verificada em 2022, a Holanda superou os Estados Unidos, sendo responsável por quase a metade das importações brasileiras deste produto em 2023.

Necessário frisar que neste ano não houve importação de gasolina de origem russa. (gráficos 5 e 6).

Gráfico 5: Evolução da participação da importação de gasolina de 2013 a 2022

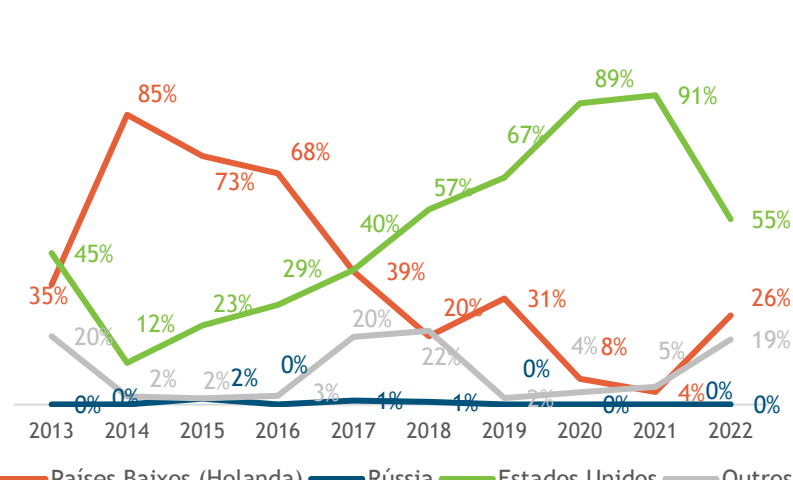
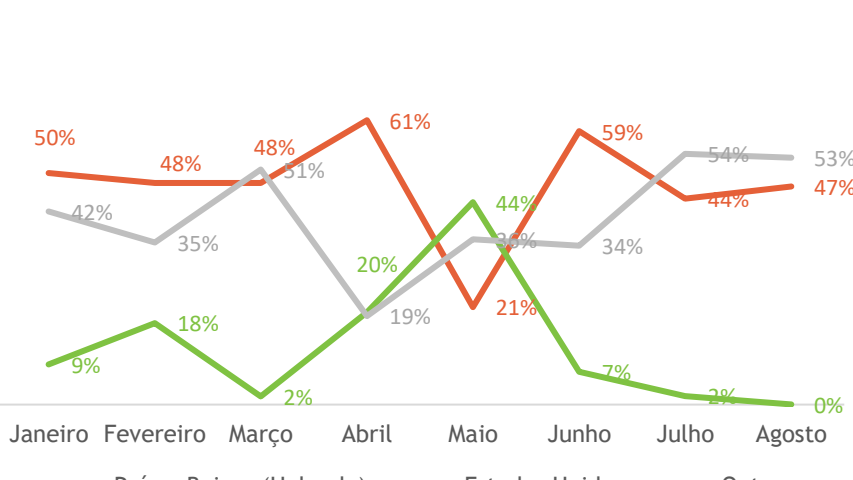


Gráfico 6: Evolução da participação da importação de gasolina em 2023



Fonte: Elaboração IBP com dados MDIC

O Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás (IBP) entende que a demanda brasileira é suprida por diversos agentes acostumados a operar em um mercado integrado e aberto globalmente. Este dinamismo, que se baseia em diferentes estratégias para aquisição dos produtos e oferta a seus clientes, tem garantido o suprimento sem interrupções ao mercado nacional, mesmo em momentos de crise.

O Instituto acredita que não será diferente agora, e que com a coordenação dos órgãos reguladores, as empresas continuarão a trabalhar para garantir o complexo abastecimento de um país com dimensões continentais como o Brasil.